



OS MARAGATOS.

TRAJOS E NOIVADOS DESTA TRIBU ENCORPORADA NA  
GRANDE FAMILIA HESPAÑHOLA.

SE não tivéssemos fallado dos maragatos, dando a necessaria noticia a pag. 174 do vol. 1.º, trataríamos agora mais de espaço desta casta singular, que, não obstante ter pousada nos confins da Castella, nos montes de Astorga, quasi á beira de duas estradas, uma real, e outra mui frequentada; não obstante manter trafico activo e contínuo em diversas provincias da península; tem podido subtrahir-se ao movimento da civilização, conservar intacta a herança dos habitos, crenças e ordem social de seus avós. Distinctos na Hespanha, como os judeus e os ciganos por toda a Europa, levam pelo commum sobeja vantagem a estes, considerando-os moralmente.

Seus costumes ficam relatados no artigo supracitado; cumpre todavia rectificar algumas particularidades quanto ao vestuario, que a estampa mostra, e em geral é o seguinte.—As mulheres com-

põem o cabello em duas tranças pendentes aos lados da cara, e bastante compridas; ás vezes amarram lenço na cabeça: cingem o pescoço de cordão ou collar e sempre d'um grosso rosario, tudo em varias voltas; vestem roupinhas, e camisa bordada adiante, saia de panno tosco e esbranquiçado, o qual é a principal industria da terra, e um avental prezo á cinta, e outro em tudo semelhante, cahido posteriormente e pelos quadris abaixo. Alem disto tem por enfeite mangas justas ao braço pespontadas de côres. As casadas vão de manto á missa, e as solteiras com seu *dengue* ou mantilha de tecido ordinario e franja encarnada. O traje do maragato compõe-se do chapéu de abas largas e cópa chata [e não pyramidal como de outros almocreves] com seu trancelim de seda ao redor, camisola, colete de pelles, jaleco, camisa de colarinho bordado, cinto, bragas, polainas e çapatos.

Uma cerimonia que póde dar a idéa mais clara do character original desta gente é a dos casamentos, e por isso a não ommittiremos.—Facilmente

2.ª SERIE. — VOL. II.

supporão os leitores, que n'uma terra em que se manifestam costumes patriarchaes a cada passo, a vontade dos filhos é em todo o modo nulla, e que os pais dispõem da sorte da prole em respeito a seus interesses e idade. De raro se ouvirá dizer em povo de maragatos que uma donzella ajoelhou ante o altar com o seu futuro companheiro sem levar por escudo a benção paterna. Mas tratemos do ceremonial e etiquetas em taes casos requeridas.

Chegada a epocha em que os pais tem concordado que se hade celebrar o matrimonio de seus filhos, o pai do noivo e este encaminham-se a casa da futura esposa, e é pedida a mão da donzella com todas as formalidades, sem que nenhum dos contrahentes [os noivos] entrem em conversação: mas como taes casos já estão previamente decididos e ajustados entre as duas familias, apenas é mera fórmula este passo; em seguida, d'ambas as partes tratam de comprar os presentes nupciaes, que consistem nos vestidos do noivado, segundo o traje nacional.

Chega enfim a vespera das vodas, e de tarde se examinam de doutrina e confessam os noivos, retirando-se depois a seus respectivos domicilios, sem que assistam á ceia, com que se regalam os padrinhos nessa mesma noite. Ao amanhecer do seguinte dia corre o gaiteiro todo o logar tocando a alvorada, e chamando ao almoço todos os convidados á festa. Finda a refeição e ouvida a missa, o pai da noiva, o padrinho e mais convidados varões dirigem-se a casa do mancebo, precedidos da gaita de folle e dos moços solteiros amigos do rapaz, que vão disparando, como salvas, as suas clavinas e espingardas de caça. Assim que entram na casa, o noivo ajoelha, recebe com mostras de compunção a benção paternal, e depois calado e modesto no meio do concurso e ao lado do padrinho demanda a habitação da donzella: as raparigas solteiras amigas desta estão á porta entoando cantigas allusivas ás nupcias e aos meritos dos contrahentes, algumas das quaes tem graça na sua nativa singeleza; no acto de sahir para a igreja, toca tambem á noiva, debulhada em lagrimas, receber a benção de seus pais. Vai adiante o noivo e sua comitiva em larga distancia do acompanhamento feminino, que conduz a noiva rebufada na mantilha, e que não descontinua em seus cantares até a porta da igreja. Aqui os espera no guardavento o cura, celebra-se o rito ecclesiastico, trocam-se os aneis, e permutam-se as arrhas ou presentes. Dita a missa, sahe a gente pela mesma ordem com que entrou, só com a differença de que o noivo com os seus param no adro para verem *correr o bolo do padrinho*; isto é, uma corrida a pé e á competencia, na qual o melhor corredor ganha a testada do bolo, sendo o resto repartido pelos circumstantes em miudissimos bocados. Seguem para a casa das vodas e já encontram a desposada sentada á porta n'uma cadeira ataviada com todo o fausto que permite seus téres, com a madrinha a lãtere e cuberto o rosto; o marido toma logar n'outra cadeira preparada, e presenciam as danças com que a mocidade da aldeia os festeja; cessando os bailes, entra todo o mundo para comer, deixando á porta a anterior gravidade e compostura, e dando-se á alegria que tão bem quadra á occasião. A sobremeza toma o padrinho uma salva de prata, deita-lhe algumas moedas e vai em giro pedindo aos convidados, e ninguem se nega a contribuir do seu peculio. A aia da noiva, amiga que a enfeitou e

acompanhou, pede rocas, fusos, agulhas, e utensilios semelhantes; os pagens do noivo tambem requerem para o seu amigo. — Levantam-se logo, não as toalhas, porque a meza fica posta todo aquelle dia, mas os convidados; então a noiva dança com o marido, e no entanto os pagens vão passear a povoação exigindo galinhas para os recém-casados, e se lh'as não derem de vontade teem direito de as tomar á força. — Recolhem-se a dormir; mas no dia immediato ainda ha festim, e *corre-se então o bolo*, que dá a madrinha, quasi pela mesma forma que no dia antecedente: ha banquete e danças até que deixam repousar e proseguir em sua vida o novo par, penhor da futura propagação dos maragatos.

## ESTUDOS MORAES.

### II.

#### O Parocho d'Aldeia.

UMA das cousas que nas recordações da juventude ainda espira para mim poesia e saudade é um velho prior d'aldéa que conheci na minha meninice. Hoje tão bondosos, tão alegres, tão veneraveis, ha-os por certo ahí — e muitos; — eu é que já não sei conhece-los. A aureola, que então rodeava as caás do sacerdote ancião, desvaneceu-se pouco a pouco — desvaneceu-a a experiencia do mundo como tantas mil crenças e imaginações de outr'ora! — Elle morreu já, por certo; mas vivo que fosse, eu não sentiria ao ve-lo, ao fallar-lhe, aquella especie de alegria timida, de confiança receosa que nesse tempo o bom do velho me inspirava. Parecia-me que estando ao pé d'elle estava mais perto de Deus, cujo válido, por assim dizer, era o P.º prior. Não sabia o sacerdote essa lingua que eu cria fallar-se no céu — o latim, que então era para mim cousa mysteriosa e santa? Não trajava ás vezes os trajos da côrte celeste — o amicto, a casula, o pluvial, com que estavam vestidos alguns vultos d'anjos pintados em tres ou quatro antiquissimos quadros do presbiterio? Quando nas suas praticas, depois da missa do dia, narrava os gozos da bemaventurança, os tormentos do purgatorio, e os tratos intoleraveis do inferno, não juraria qualquer que elle já peregrinára largos annos alem do sepulchro, ou que voz de cima lhe revelava tantas maravilhas e tão solemnes terrores? Evidentemente o velho clerigo estava muito mais perto dos degraus do throno divino que toda a outra gente, e, por me servir da linguagem politica, exercia em nome do céu uma delegação na terra: era uma especie de *missus dominicus* da Providencia. E quando elle, apesar dos meus tenros annos, me escolhia para acolyto, para estafar a porção de latim do missal, que as rubricas inexoraveis subtrahiam ao seu imperio, sorriam-me as esperanças algum tanto vaidosas de obter de Deus deferimento ás minhas pertencções infantis — como costumam sorrir ao requerente, a quem deputado de grande conta mostra familiaridade na presença de omnipotente ministro.

Hoje o latim do padre prior parecer-me-hia um tanto barbaro, e talvez barbarissima a sua prosodia: nas vestes sacerdotaes acharia os trajos romanos do imperio atravessando, immutaveis como a igreja, por entre as transformações da moda e do luxo; nos quadros do presbiterio riria da igno-

rancia e máu gosto do pobre pintor; e nas descrições das venturas e tormentos da outra vida descobriria unicamente uma incarnação grosseira em imagens materiaes das revelações profundas do espiritalismo christão. É que nesse tempo tudo me chegava aos olhos da alma alumiado, risonho, variegado, porque tudo transparecia atravez do prisma de sete côres — a innocencia singela e credula da infancia; e hoje tudo me parece como a folha que cahiu da arvore no outono, murcho e desbotado passando atravez da atmosphera nevoenta e triste da sciencia e do orgulho. Então o velho parochio alligurava-se mais que um homem; hoje na escala das desigualdades humanas provavelmente só acharia para elle um bem modesto logar.

A aldêa em que o bom do clérigo pastoreava o rebanho espiritual tinha seu assento na falda d'um monte, e pouco inferior a ella dilatava-se uma veiga, que ao longe — lá bastante ao longe — ia bater no mar. No alto da povoação ficava o presbiterio. Era a igreja, segundo hoje se me affigura — e tenho-a bem presente — daquelle gosto duvidoso entre a architectura christã que expirava, e a da restauração romana, que ainda se não comprehendia: era um desses templosinhos construidos nos fins do reinado de D. Manuel e principios do de D. João 3.º, de que tão grande numero resta ainda pelas parochias de Portugal, e que são mais um argumento de que os nobres conquistadores da India, donatarios das terras e padroeiros das igrejas, não voltavam do oriente com as mãos vazias. A devoção nesses tempos era um objecto de luxo: edificar uma igreja ou uma capella equivalia a ter hoje um camarote em S. Carlos, ou um cocheiro com estrigas de linho na cabeça e chapéu triangular.

A portada da igreja de arco tricentrico, firmado em pilares polystylos de meio relevo, era o mais claro testemunho da idade propecta do presbiterio. A residencia parochial, originariamente do mesmo estylo, estava já civilisada: uma porta rectangular substituíra a antiga. Esquadriadas estavam tambem as duas janellas do sobrado, de differentes dimensões, e affastadas uma da outra; e nos seus postigos da esquerda se via o conforto moderno das vidraças. Não quero dizer com este elogio á morada do padre prior que a igreja tinha resistido, teimosa como um velho caturra, aos progressos da civilização. Pelo contrario. Estava mais alindada ainda. Uma irmandade, ou não sei quem, que entendia na fabrica, havia pintado d'ochre tudo o que era pedra, de vermelhão tudo o que era azulejo. As camaras municipaes das grandes cidades, os conegos das collegiadas e sés ainda não passaram do ochre; e uma pobre irmandade da aldêa já tinha ha vinte annos vencido a méta a que apenas hoje chegam o municipio e a cathedral.

O que, porem, escapou ao ochre e vermelhão dos mezarios do burgo foram dois seculares e formosos platanos que sombreavam o portal do presbiterio: na febre amarella, que grassa tão furiosa pelo senso esthetico das nossas auctoridades populares e dos nossos dignatarios da igreja, admira que tenha esquecido estender o beneficio da caidura gemada aos troncos rugosos e carrancudos das velhas arvores, que rodeam os edificios ou as praças. Verdade é que todos os dias alguma desaba sob os golpes do machado. Isto é melhor; mas porque não haveis de remoçar as que vão escapando com as lindezas e alegrias canonico-municipaes?

Bellos e veneraveis eram os dois platanos! — O

adro cubriam-no todo com as suas sombras fechadas, e só pela volta da tarde, principalmente no outono, é que algumas resteas açafroadas do sol no poente se estiravam por debaixo dellas e lá iam bater frouxas no limiar da igreja pulido do continuo perpassar, e na porta de um vermelho desbotado, onde nesse tempo começavam a alvejar os remendos brancos com que as revoluções convertiram os aditos dos templos em pelourinhos eleitoraes.

À entrada do adro alevantava-se uma grande cruz de madeira pintada de preto, em cuja haste mãos devotas tinham atado um ramo de flores, e este ramo, no meio do qual havia um pé de perpetuas, era a imagem das vaidades do mundo e da religião do calvario immutavel no meio dellas. As outras flores tinham-nas mirrado os ardores do estio: só restavam do morto ramilhete as immarcessiveis perpetuas.

Era n'um poial que servia de base á cruz, onde áquella hora do pôr do sol o padre prior vinha muitas vezes sentar-se; e alli estava tempo esquecido, ora alongando os olhos pelas solidões do mar, que lá embaixo no fundo do extenso valle quebrava nas rochas, ora traçando attentamente na terra com a sua grande bengala de castão de marfim diversas figuras, se geometricas não o sei dizer, porque hoje não creio tanto na geometria do padre prior como então cria nas suas terriveis revelações do outro mundo tiradas do *Speculum Vitae*. O que, porem, eu sentia tão bem como hoje, sem então o saber explicar, era a suave e profunda poesia que respirava esse quadro do velho sacerdote junto do symbolo religioso, áquella luz moribunda da ultima hora do dia, em que uma certa saudade melancholica vem como percursora da noite pousar-nos sobre o coração. Não o imaginava nesse tempo, mas imagino agora por onde vaguearia a mente do velho clérigo em quanto a bengala ia d'um para outro lado cruzando linhas tortuosas e incertas. Os ultimos instantes de moribundo, os quaes elle tinha adoçado com as consolações da fé: a esmola tirada da escaça congrua para enxugar lagrymas de viuvas e de orpbãos; os conselhos paternaes dados á mocidade, salva assim por elle de largos dias de remorsos e amargura; os odios convertidos em perdão entre inimigos; as dissensões domesticas pacificadas pela conciliação do pastor; todo o bem, emfim, que por trinta ou quarenta annos elle havia semcado na aldêa desde as ultimas casinhas de colmo que alvejavam caiadas na orla pallida dos campos até o altar do presbiterio, fructificava talvez ante os olhos da sua alma nesses momentos d'extasi em rica seára d'esperanças, cujos fructos enthesourava no céu. Depois a cruz hasteada junto delle lhe viria lembrar o nada das diligencias que empregára, dos sacrificios que fizera para verter algum balsamo de ventura nas chagas dolorosas da vida; para remir da perdição as ovelhas transviadas do pobre rebanho que lhe fóra confiado. A cruz negra no seu eloquente silencio contava-lhe sacrificios infinitamente mais arduos que os delle, feitos não a pró d'uma aldêa ou de um povo, mas para remir o genero-humano. Por isso lhe via ás vezes deixar pender a fronte calva sobre o peito e tomar-lhe o rosto uma expressão singular, inexplicavel nessa epocha para mim, mas que era o desalento que lhe gerava no espirito a terrivel comparação das suas acções com as do Suppliciado do Calvario, ao qual tomava por modelo, e que jurára imi-

tar. Muitas vezes espantava-me de que se conservasse assim engolfado em seus pensamentos até que o sino das avemarias o vinha despertar; e na minha alegria da infancia, vendo-o tão triste e carrancudo, pensava comigo, que o padre prior se ia tornando com a idade tonto e aborrido. Todavia, era que o bom velho nesses momentos de meditação volvia atraz os olhos para os caminhos da sua vida, onde esperava achar alguns vestigios brilhantes d'obras virtuosas; mas esses caminhos, sumidos na penumbra da cruz, não os percebia senão como uma nuvensinha escura e duvidosa atravez da luz immortal das virtudes e dos beneficios do Christo.

Ao tocar, porem, das avemarias todas aquellas imaginações desconsoladas, se elle as tinha como hoje creio, desapareciam por um movimento habitual do espirito e do corpo; este para se erguer, aquelle para orar. Sobraçada a bengala, em pé, com as mãos postas, segurando ao mesmo tempo entre ellas o seu chapéu de tres ventos, com a cabeça um pouco inclinada para o chão, o padre prior murmurava em voz baixa aquella tão poetica oração do despedir do dia. Os trabalhadores que voltando das fadigas do campo acontecia passarem por ahi nessa occasião, descobriam-se tambem, e encostando-se ao encincho ou á enxada punham as mãos e rezavam até que o reverendo acabando os latinórios, que elles iam repetindo em vulgar, lhes dizia:—Boas noites, rapazes: vá a cobrir. E os ganhapães cobriam-se, respondendo:—Guardo-o Deus, padre prior:—e partiam: e elle assentava-se outra vez a olhar para o poente, onde o sol que se afundira no mar deixava entre si e a noite, precipitando-se apoz elle das alturas do céu, uma barra de vermelhidão e ouro, que se estirava para um e outro lado do horizonte como tentando embargar o caminho ás trevas. E alli estava scismando até que a tia Jeronima alçava meia adufa de uma janella baixa, que dava claridade á cozinha, e o chamava para a ceia, ao que promptamente obedecia; porque cumpre advertir que o padre prior não só respeitava á carga cerrada todas as tradições do catholicismo romano; mas tambem a sabedoria tradicional do povo, que neste capitulo de ceia reza que deve ser papada sem sol, sem luz, e sem moscas—momento fugitivo do expirar do dia, que não consta deixasse jámais passar por alto a boa da tia Jeronima.

Nunca me ha-de esquecer aquella hora na aldêa, a luz crepuscular da atmospheria, as gelosias dos aposentos inferiores da residencia parochial, e a santa velha da tia Jeronima que teria proporcionado mais um capitulo a Chateaubriand sobre a poesia das usanças christãs, se esse illustre escriptor houvesse uma vez saboreado as filhozes que ella compunha para celebrar o Carnaval;—e os seus bolos da Natividade—e a sua ólha e o seu anho assado da Paschoa. Não!—Saudades de tudo isso, durante a minha vida inteira, em qualquer fortuna, no meio das mais graves cogitações, nunca hei-de affastar-vos impaciente quando vierdes, como creança travessa, baralhar-me um periodo de trabalhada prosa, ou aleijar-me com um verso parvo uma estrophe soffrivel. Vinde, meus amores antigos, que para vós esta fronte não saberá arrugar-se: esta boca não terá esses monosyllabos duros e gelados com que se repellem importunações d'indifferentes. Vinde, e demorai-vos comigo, e palrai por uma hora, por um dia, por uma semana, que vos escutarei sempre sorrindo; e quando fór

ao sol posto que os ouvidos da minha alma vos ouçam reproduzir vivas, harmoniosas, melancholicas as lentas badaladas das avemarias, não como agora as ouço ás vezes no meio do ruido confuso, aspero, estridente do povoado; mas partindo da aldêa ainda deserta dos seus moradores, rolando pela veiga, esperguiçando-se pelo prado, rumorejando pelas quebradas da encosta ou pelo pinhal do cabeço, e indo morrer lá muito ao longe nas toadadas duvidosas de uma cantiga de lavadeiras, ou no tinir das campainhas de um rebanho de ovelhas, que se encaminham para o aprisco ao sibillar do pastor. Repeti-m'as assim, puras, campestres, vibradas n'um ar puro e sonoro, livres por um horizonte immenso, e ter-me-heis despertado um affecto consolador, o qual valerá mais que todas as ambições, que todos os contentamentos, que todas as esperanças do mundo.

Tem-se discutido os sinos—como se discute quanto ha no Universo. Desde a existencia objectiva ou material deste mundo até a legitimidade do chocalho pendurado ao pescoço da cabra retouçando pelas ruas de qualquer capital, que resta ainda ahi para se lhe trazerem á praça os prós e os contras? Das definições possiveis do homem uma só é verdadeira: o homem é o animal que disputa. Os sinos tem tido amigos e inimigos: e porque?—Pela mesma razão, porque sobre tudo ha duas opiniões contradictorias. É que tudo tem duas faces diversas. O vento sul é meigo para a arvore que veceja no recosto septentrional da montanha, e açoute da que vegeta no pendor opposto: o norte é o supplicio da primeira, e grato para a segunda. Nisto está cifrada a historia das contradicções humanas.

Os sinos collocados em campanario de parochia aldeã, ou de mosteiro solitario, são uma cousa poetica e santa: os sinos pendurados nas torres garridas das garridissimas igrejas das cidades de hoje são uma cousa estúpida e mesquinha. O sino é um instrumento accorde com as vastas harmonias das serras e dos descampados. Assim como o orgão foi feito para reboar pelas arcarias profundas de uma cathedral gothica, para vibrar na atmospheria mal allumiada pelas frestas estreitas e ogivães, do mesmo modo o sino foi perfilhado pelo christianismo para convocar os seus humildes sectarios occupados nos trabalhos campestres. Quando se associou o sino ao culto? Ignoramo-lo: ignoramo-lo porque foi a religião serva e perseguida que o santificou: e quando os poderosos da terra a acceitaram para si então entrou elle nas cidades soberbas. Lá converteu-se n'uma cousa insignificante e impertinente. É mais um ruido intoleravel para ajuntar aos outros ruidos discordes que troam por essas ruas e praças. O sino, tornado cortezão e fidalgo, é semelhante ao orgão trazido para o aposento do baile, ou, o que vale quasi o mesmo, para essas salas ao divino, bonitas, vaidosas, douradinhas, que insensatos edificam para as admirações de parvos.

E com estas digressões esquecemo-nos do padre prior. Não importa. Deixa-lo ceiar em paz, e rezar o breviario. Eram estas, entre outras, duas phases graves e serias de todos os seus dias. Depois, em quanto a velha Jeronima punha em ordem a casa, elle pegava em um livro de pequena estante que lhe ficava á cabeceira, e lia ou uma lenda pia do Flos-Sanctorum de Rosario, ou um trecho daquellas grandes historias de Fr. Bernardo de Brito, até que o somno tranquillo de uma boa e saã consciencia apertando-lhe com os dedos rosados as pal-

pebras, o entregava aos sonhos placidos que só a alvorada vinha interromper, quando o perigo eminente de alguma das suas ovelhas o não obrigava a erguer-se alta noite, ao som do resmungar mal-soffrido e, até certo ponto, impio da tia Jeronima. No horizonte limpo e sereno destas duas vidas innocentes — destes Philemon e Baucis, celibatarios, que amparados um no outro iam peregrinando contentes para o sepulchro, havia um ponto negro e triste. O rendimento da parochia não consentia que o padre prior *possuisse* essa especie de ilota *in sacris*, de servo de gleba sacerdotal, chamado o padre cura. As ventanias, as chuvas, as noitadas atravez das serras revertiam como a congrua e os benesses em beneficio, se não do corpo, ao menos da alma do reverendo prior.

A sua congrua era maravilhosamente estitica: o grosso dos dizimos da parochia jogava-os á risca todas as noites em tertulias um digno commendador não sei de que ordem. Ai, — a extincção dos dizimos foi a morte da religião!

(Continuar-se-ha.)  
(A. Herculano).



Mercenario pregão de cego andante.  
Bocage.

SE possuíssemos o donoso chiste, a veia comica de alguns escriptores nossos, como Francisco Manuel e o P.<sup>o</sup> Macedo, se podessemos receber inspirações fecundas da lição dos jovialissimos Cervantes e Quevedo; e se com estes dotes nos fosse permitido pela gravidade deste Jornal dar largas á torrente dos gracejos; que opportuna occasião se offerencia, á vista da gravura precedente, para desfranzir a testa carrancuda de alguns leitores hypochondriacos! Em vez de muitas *physiologias* semsabor, não escapando a do *diabo*, que por ahi se impingem em folhetos francezes, dariamos a *physio-*

*nomia*, a tactica, e os palavrosos pregões do *cego andante*.

Esta casta de vendedores, bufurinheiros do sortimento das impressas consumidoras de papel pardo, antes de se habituar o nosso vulgo ás novas de batalhas campaes e de protocolos diplomaticos, empregavam toda a sua especulação na litteratura desmontada do barbante, suspenso aos cantos das encruzilhadas, e que elles levavam a passear pelas ruas desta nobre e leal Lisboa, e depois transportavam ás aldeias, onde os mancebos e os velhos, a donzella sensivel e a senhora idosa, ora se enterneciam, ora folgavam, com a vária fortuna da princeza Magalona e os desvarios de Roberto do Diabo, ou com os ditos da tagarella Theodora e os chascos do mal criado Bertholdo: os entremezes, os autos de Balthazar Dias, as relações de bicharocos estranhos e de sonhados phenomenos singulares, completavam a lista bibliographica do cego andante, augmentada, sómente em fins de cada anno e primicias do novo, com o livro por suas innumeraveis edições eterno desespêro dos auctores ávidos de fama, a periodica e sempre consultada folhinha.

Depois que todo o povo lê e trata argumentos e factos politicos, mudaram de rumo [salvo a gazeta annual dos dias santos, jubileus, e phases lunares] os ambulantes extrahidores das edições do Alcobia e dos repertorios, e arvoraram-se clamorosos pregoeiros, por um ou mais vintens, do jornal da tarde; queremos dizer [e Deus nos livre de boquejar em supplementos] da folha avulsa que transcreve dos periodicos da manhaã a noticia mais fresquinha, ou de rara maravilha, ou de catastrophe natural, ou de estrondoso crime, ou de relevante successo politico; que na falta de taes assumptos copia algum discurso appetitoso da polemica reinante na quadra; ou que, quando de tudo se vê desamparada, suppre-se de trovas de pé quebrado ao canicidio e á limpeza das ruas, accommettendo as posturas municipaes.

Para esta segunda epocha do giro do cego andante, já usurpado por traficantes dotados de boavista, é que eu queria o sal attico do inventor de D. Quixote; e veriam que folheto que sabia desbancando toda a estirada collecção das *physiologias*. No entanto ficaremos com os desejos até que pelo menos surja algum novo Tolentino ou Bocage, que encha este vão nas litterarias campinas.

#### IGREJA DE SANTA MARIA DO OLIVAL, MATRIZ DE TODAS AS OUTRAS IGREJAS DA ORDEM DE CHRISTO.

ESTE venerando santuario é coevo com a fundação do convento e castello dos Templarios em Thomar. De sua construcção primitiva apenas lhe resta o frontispicio, ou fachada voltada ao poente, fazendo como correspondencia áquelles convento e castello que olham ao nascente; assentados estes sobre um despenhado monte sobranceiro á villa na margem direita do rio Nabão; aquelle n'uma pequena planicie, levantada com declive doce, na margem esquerda. Distam entre si estes edificios um quarto de legua ou ainda menos, ficando-lhes a povoação da villa de permeio; communicam-se pela ponte de Thomar, que suppomos da mesma data. Muita cousa se tem dito da antiguidade do sitio; da cidade de Nabancia, ahi assentada nos tempos gothicos; do conde ou governador do territorio, *Castinaldo*, e de seu filho *Britaldo*; da santidade e martyrio da

Virgem St.<sup>a</sup> Iria, ou Irene; e do mosteiro de beneditinos que ali havia, encostado ao mesmo antigo santuario; bem como fallam de outro mosteiro, situado um pouco acima na embocadura do rio Efon que desagua no Nabão, onde era prelado o abade Selio, tio daquela santa. Nós presámos e venerámos estas antigas e devotas tradições, que constituem uma bella porção da vida sentimental das nações. Ainda bem que não são estas de que tratámos desappoiadas de provas respeitaveis: ahí está a notavel villa de Santarem com seus nomes classicos trocados em memoria do sepulchro de St.<sup>a</sup> Irene; ahí, na villa de Thomar, notavel tambem, o mosteiro antiquissimo de St.<sup>a</sup> Iria, de religiosas claristas; o pego onde foi arrojado o corpo martyrisado da mesma santa; e a tradição constante, conservada na memoria dos homens, nas lendas, no breviario ulisyponense, e nos martyrologios das Hespanhas (\*).

Da cidade de Nabancia nos fallecem monumentos historicos: o nome indica povoação romana; mas nem nos auctores latinos, nem nos escriptos dos tempos gothicos chegaram até nós provas de certeza. Apenas por toda aquella área, que se estende em volta do templo de St.<sup>a</sup> Maria do Olival, se encontram vestigios e reliquias de velhas construcções apagadas, lages afeiçoadas, tijolos, moedas mesmo, de que vimos algumas de cobre dos reis godos. Nossos antiquarios dizem que quando os arabes entraram na Lusitania gothica na primeira quarta parte do seculo 8.<sup>o</sup> ainda o rio Nabão conservava seu nome; mas que aquelles fanaticos conquistadores comprazendo-se em mudar e trocar as denominações antigas por outras accomodadas ás propriedades locaes, conforme o costume oriental, chamaram ao Nabão — *Thamar* — que quer dizer *aguas claras*. Daqui vem que aquella passagem da chronica gothica: = *Era 1173 [anno de Christo 1135] infortunium super christianos in Thamar* = se hade entender, segundo a opinião dos mais criticos, não de alguma povoação christã que ahí houvesse então, mas do local proximo ao rio; como dizendo = que junto ao rio Nabão acontecera mal ao christão. =

Em verdade que nenhum indicio temos de haver ahí povoação alguma christã ou mourisca por esse tempo, nem ainda 24 annos depois, quando o mestre do templo, D. Gualdim Paes, entrou no vasto territorio de sua doação para fundar a cabeça e baliado da sua ordem em Portugal. Ás avessas nem dos letrados que restam desse tempo, como já deixámos apontado n'outro escripto, nem do foral dado á villa de Thomar pelo dito mestre, apparece outra cousa mais do que uma inteira e nova fundação. Concluindo-se daqui, segundo nosso modo de ver, e depois de muito examinar, que a igreja de St.<sup>a</sup> Maria do Olival, escolhida para oratorio, capella, e jazigo dos mestres e cavalleiros do templo, fôra uma nova e moderna construcção do sobredito D. Gualdim, que ahí dispoz sua sepultura, e ahí foi enterrado, como logo mostraremos.

Que razão haveria porem para preferir esse local

(\*) Os curiosos que quizerem enfronhar-se nestas interessantes narrações podem consultar Brito na P.<sup>o</sup> 2.<sup>a</sup> da *Monarch. Lusit.* L.<sup>o</sup> 6.<sup>o</sup> pag. 24; — Fr. Diogo do Rosario, na vida que compoz de St.<sup>a</sup> Iria, e o *Martyrologio Lusitano*: — e dos estrangeiros, *Ilhescas de Sanctis Hispan.* e *Mariet.* ao mesmo assumpto. O martyrio de St.<sup>a</sup> Iria, acontecido em tempos do rei Recesvintho por meado do seculo 7.<sup>o</sup>, tem o dobrado interesse, religioso e archeologico. No meio das trevas qualquer fraca luz é d'aproveitar.

affastado do convento e castello, separado por um rio, e exposto ás contingencias das invasões mouriscas, antes alli do que dentro do recinto murado e acastellado do convento ou proximo d'elle, e acobertado pela fortaleza? Aqui forçoso é recorrer ás recordações religiosas, ás tradições venerandas que então duravam mais vivas sobre a relevancia e santidade do lugar. O mestre do templo havia abandonado o antigo castello de Ceras, unico em pé entre muitos comprehendidos no aro de sua doação, por estar mal situado, em ponto menos central, em paiz çafaro e infructifero; alguém lhe veio indicar a fresca e deliciosa abrigada de Thomar, e o pico dominante em que levantou o castello; mas para o culto religioso, para recolher as cinzas dos illustres guerreiros da fé não podia passar por alto sobre as venerandas ruinas que lhe ficavam fronteiras. Alli naquelle sitio jazeriam naturalmente ainda as reliquias do antigo mosteiro dos beneditinos dos tempos gothicos, desmoronado pelo tempo ou arrasado pelos mouros, e pelo fluxo e influxo das conquistas dos reis de Leão, e dos musulmanos; alli, quem sabe? duraria ainda a pequena igreja ou capellinha de S. Perofins que, como abaixo veremos, existia encostada á igreja actual de S.<sup>a</sup> Maria, nos principios do seculo 13.<sup>o</sup>, e que talvez subsistisse aquella em que o inconsiderado Britaldo viu, assistindo aos officios divinos, a virgem formosa St.<sup>a</sup> Iria, acompanhada de suas devotas tias, Casta e Julia. Alli, emfim, estavam como vinculadas as tradições respeitaveis para homens que se diziam soldados do templo de Salomão, e que alli vinham estabelecer a cabeça da sua ordem religiosa.

(Continuar-se-ha).

## ECONOMIA DOMESTICA.

*Aproveitamento das folhas séccas para nutrição dos animaes.*

Em um dos numeros do = *Journal des Connaissances Utiles* = pertencente ao corrente anno, lemos um breve artigo em que Mr. F. Wagnier ensina o modo de aproveitar as folhas das arvores para alimentar as vaccas durante o inverno: a vulgarisação desta maneira de remediar o damno que a falta de forragens costuma trazer, pareceu-nos que seria de muita utilidade para a grande parte dos nossos compatriotas que vivem da lavoura, e foi este motivo porque nos resolvemos a trasladar para este jornal o que de mais interessante encontramos no citado artigo. — As folhas que se podem empregar com mais vantagem são as da macieira, da pereira, do alamo, do olmeiro e as das parreiras, as quaes é possivel recolher sem esperar que cheguem a cabir, pois se podem colher acabada a vindima: o perfume que no outono costuma existir nos pomares, e que é produzido pelas folhas que se vão separando dos troncos, prova que estas folhas possuem ainda bastante da sua propriedade nutriente, a qual póde ser empregada com muita vantagem, se as colherem logo que se desprendem da arvore. Quanto ao modo como as folhas hão de servir para alimentar as vaccas, quasi que nos serviremos das mesmas expressões de Mr. Wagnier. É sabido que no verão comem as folhas verdes, e a experiencia tem mostrado que no inverno as comem seccas. Uma destas experiencias, e que deu optimo

resultado, foi feita no inverno de 1842, no qual houve muita falta de forragens, e misturaram-se as folhas cahidas com sêneas e agua quente, e com este alimento se sustentou uma vacca todo o inverno — emprega-se a agua quente para misturar as folhas seccas com as sêneas, porque a agua estando a uma temperatura elevada, tem a propriedade de restituir ás folhas parte do seu viço — e dos pomares devem-se apanhar todos os dias as folhas que forem cahindo, para que a chuva as não ensope, pois muito convem que estejam o mais seccas que fôr possível — quando estão muito molhadas nem tem sabor, nem podem nutrir: depois d'apanhadas seccam-se ao sol espalhadas em pannos para mais facilmente se poderem transportar. Para as folhas servirem de alimento proveitoso misturam-se com sêneas e depois deita-se-lhe a agua quente e mistura-se tudo muito bem (\*). As vaccas sustentadas deste modo, diz Mr. Wagnier, são robustas e comem bem. — As folhas seccas podem tambem servir para alimentar cavallos e porcos; mas neste caso devem estar de mólho pelo espaço de algumas horas em agua quente e salgada; quando se tiram põem-se a escorrer sobre uma grade feita de vides, e póde-se aproveitar a agua para outra vez, de modo que a despeza fica sendo insignificante. Se depois desta operação ainda as folhas estiverem muito humidas bota-se-lhe alguns punhados de farinha de avêa: e depois de assim ficarem preparadas guardam-se sobre palha e duram oito dias em estado de poderem ser ministradas como boa ração tanto aos cavallos como aos porcos. Muito estimaremos que os nossos lavradores pensem sobre o que succintamente temos exposto, e que por certo era materia para muito desenvolvimento.

S. J. Ribeiro de Sá.

#### TALLEYRAND.

[Concluido de pag. 335.]

NAPOLEÃO elevado ao poder soube aproveitar a sagacidade e prestimo politico de Talleyrand: ambos se escandalisaram e aborreceram das exaggerações, desvarios e ferocidade da formidavel revolução, em que por differentes modos se acharam empenhados, e que contribuiu não pouco para o engrandecimento de ambos; superiores aos seus contemporaneos, mais homens d'estado praticamente do que fabricantes de constituições, rejeitaram as quimeras dos visionarios, e, vigiando e estudando as circumstancias, converteram quasi sempre em proveito proprio os resultados, que ou preveram, ou desde o principio do movimento tinham encaminhado. Note-se porem que se na ambição de gloria e mando os podêmos suppôr iguaes, o ministro, conservando-se em logares subalternos, gozou largamente os fructos de seus trabalhos, ao passo que o guerreiro, que se abalançou a cingir o diadema, teve que descer do fastigio da grandeza, que era, para as-

(\*) Nos territorios vinhateiros do nosso reino, desde tempo immemorial, se guarda para os gados o bagaço das uvas. Põe-se a seccar nas eiras, mexendo-o para que não fermente e arda, e com o encincho de dentes apertados separa-se da baganha ou grãinha o folhêlho. Este, que é a pellicula dos bagos, sendo misturado com farelos e agua quente é optima ração no inverno para as cavalgadas: a baganha quer em grão, quer moída e misturada na lavadura, engorda muito os porcos. — Assim se aproveitam os residuos dos lagares. — Os RR.

sim dizermos, um estado violento, não para o seu genio, mas em relação á sua primeira condição; foi tambem por isso o soldado coroadado mais alvo d'invejas e rancores que o manhoso diplomatico.

Hade tambem observar-se que em quanto viveram em reciproca boa intelligencia, e Talleyrand occupou o logar de ministro, correu a epocha dos prosperos successos para Napoleão. A concordata com o papa foi uma das bases principaes do imperio; Talleyrand levou a cabo esta negociação. O tratado de Luneville que secularisou os principados ecclesiasticos d'Alemanha; o de Amiens que reconheceu parte das conquistas da França e a nova forma dada pela revolução aos estados continentaes; a convenção de Leão que organisou a republica cisalpina; todos foram designios politicos de Talleyrand. E o ministro tinha a consciencia da sua valia e preponderancia, por quanto em 1801, vendo-se precisado a ir tomar as aguas mineraes de Bourbon-l'Archambaud, escrevia de lá a Bonaparte: «Pêza-me ter que me apartar da vossa pessoa por algum tempo, porque a dedicação com que me entrego aos vossos grandes projectos contribue para que se elles cumpram.» — Depois da batalha de Ulm appresentou ao imperador um alvitre para cercar o poder austriaco, unindo o Tyrol á republica helvetica, e erigindo estado democratico e independente o territorio veneziano, interposto entre o reino d'Italia e os dominios d'Austria; e propunha conciliar o assentimento desta ultima potencia, cedendo-lhe inteiramente a Moldavia, Valaquia, Bessarabia, e a parte septentrional da Belgica. As vantagens que desta disposição intentava derivar eram remover a Austria de intervir dentro da esphera da influencia franceza, mas sem a hostilizar a ponto de a fazer ciosa e declarada inimiga; e ao mesmo tempo fundar no levante uma potencia mais apta que a Turquia a manter o equilibrio europeu com a Russia. Napoleão desattendeu esta proposta: Talleyrand repetiu-a, depois da batalha d'Austerlitz, mas do mesmo modo sem effeito: qualquer delles ateimava como podia; e sabido é que Bonaparte queixava-se da pertinaz insistencia do ministro nas propostas que julgava importantes; e que Talleyrand fallava do imperador como de homem, a quem se não podia servir porque não dava ouvidos a pareceres e conselhos. É cousa assentada que desta differença d'opinião datou a tibieza do ministro até que largou a pasta dos negocios estrangeiros aos nove d'agosto de 1807. O estadista era mais especulador que o guerreiro: e se principiou a originar-se desaffeição entre elles, comtudo os cargos da côrte que Talleyrand, já feito principe de Benevento, exercitava, não o arredaram inteiramente desta; e o desafogo consistia nos eppigrammas e censuras que jogavam um contra o outro e na ausencia em particulares companhias; dictos anecdoticos de que estão cheias as memorias contemporaneas. Diga-se o que se disser, examinada a historia, vê-se que Bonaparte esteve por algum tempo sujeito a certa tutela politica de Talleyrand; quando se emancipou e a sacudiu, o diplomatico não lhe perdoou o arrojo e desde então começou a minar-lhe o poder: é indubitavel que foi quem mais contribuiu no senado para a exclusão de Bonaparte, quando os alliados invadiram a França. Diz-se tambem que o principe de Benevento se oppozera á invasão da Hespanha, como depois combatêra a malfadada jornada da Russia: mas quão facil é applicar prophcias aos successos, quando ellas se di-

vulgam depois de realizados estes! Para se lhe agradecer, não havia apparecer a assignatura *Talleyrand* no tratado secreto, posterior á conferencia de Tilsit. Talleyrand foi o custode de Fernando, e mais principes hespanhoes em Valencey. — Todavia é certo que em 1823 protestou contra a interferencia da França na questões internas da Hespanha.

Em 1814 estava nomeado membro da regencia, mas não compareceu em Blois, porque foi detido pela guarda nacional nas barreiras de París, successo de que se não agastou muito, e scena que, na opinião de muitos, fóra com antecedencia preparada de accordo com o actor principal. Em summa, Alexandre, czar da Russia, hospedou-se em casa de Talleyrand na capital da França; ahí se decidiu definitivamente a abdicção de Bonaparte, e a entrada de Luiz 18.º — As palavras que as Memorias de Bourriene attribuem a Talleyrand, proferidas nessas conjuncturas em certa conversação particular, talvez que sejam genuinas: dizem assim: — Não ha alternativa; escolher Napoleão ou Luiz 18.º Abaixo de Napoleão, não ha um só que por qualidades pessoas mereça e possa reter no seu partido meia duzia d'homens sensatos. É preciso uma opinião politica, que dê consistencia ao novo governo, seja qual fór; e Luiz 18.º representa um principio, uma opinião. A não ser algum destes dois, é mister traçar um enredo, e eu não sei que se possa armar e com tal força que haja de sustentar aquelle corpo ou pessoa, a quem pertendam conferir o governo.» — Forçoso é confessar que nessa crise o habil diplomatico poz as maiores diligencias para conservar e manter na França a formula monarchico-representativa, ou governo constitucional, como outros publicistas lhe chamam: que aconselhou a carta ao rei, e que junto deste, quando o prisioneiro evadido d'Elba pôz de novo pé no solo francez, dictou a celebre proclamação de Cambray, na qual Luiz confessava os erros commettidos em 1814 e promettia repara-los: vimos que muito depois foi estrênuo defensor da liberdade da imprensa contra a censura; causa que talvez o arredou de brilhar na córte de Carlos 10.º, não obstante o respeito e consideração com que era tratado.

Em 1814, tendo já abandonado inteiramente Napoleão, foi outra vez nomeado ministro dos negocios estrangeiros, e tambem par de França com o titulo de principe de Talleyrand; foi depois enviado ao congresso de Vienna como plenipotenciario francez: e quando Napoleão voltou d'Elba para reconquistar a França, no praso nomeado *os cem dias*, passou-se a Gand a juntar-se a Luiz 18.º, e com elle voltou a París, decidida a batalha de Waterloo, com o titulo de presidente do conselho de ministros, que dahi a pouco renunciou. Desde então, postoque sempre espreitado e temido pela opinião publica e mais ainda pelo governo dos Bourbons, não deixou de conservar sob capa muita influencia nos negocios publicos do seu paiz, nem de ser consultado pelos estadistas d'outros reinos, com quem mantinha particulares relações. Na revolução de julho de 1830 achou-se naturalmente collocado ao lado de Luiz Philippe, proclamado rei dos francezes: por fim nomeado embaixador á Inglaterra adquiriu o reconhecimento do novo regimen da França, realisou o seu antigo pensamento da quadrupla alliança meridional, e veio de Londres descançar para o seu palacio de Valencey. Morreu aos 20 de maio de 1838, com oitenta e quatro

annos de idade. — A vida publica deste homem singular, como a historia de Napoleão, apesar de numerosos e contradictorios escriptos, ainda está por escrever; e por muito tempo serão incompletas as noticias e imperfeitos os juizos, que os prelos, a respeito d'ambos, transmittirem ao publico quer para pasto da curiosidade, quer para o estudo dos philosophos moralistas.

#### O THEATRO NA CHINA.

O DRAMA, entre os chinas, não comprehende um só feito ou acção unica, mas abraça toda a vida do heroe ou protogonista do nascimento até a morte: é a modo de biographia posta em dialogo, repartida em mais ou menos partes: a cada uma destas secções precede um prologo; e o actor assim que sabe ao tablado explica como se chama na comedia e qual é o caracter e papel que representa: frequentes vezes o mesmo actor preenche diversos papeis, circumstancia que muito concorre para desfazer a illusão. Nos movimentos apaixonados o actor deixa de recitar e exprime os affectos cantando; musica estrepitosa acompanha aquelles trechos lyricos, escriptos em verso, que de algum modo que-rem arremedar a opera europea.

Só na capital e em algumas cidades consideraveis ha theatros regulares: companhias ambulantes ganham sua vida representando em festas e banquetes. Quando os convidados vão sentar-se á meza, entram na casa do jantar tres ou quatro comicos vestidos ricamente, os quaes, feitas quatro humilissimas saudações, põem na mão da pessoa de mais respeito entre os circumstantes um livro em que estão escriptos com letras douradas os titulos de 50 ou 60 peças dramaticas, que é todo o repertorio da companhia: o livro passa de mão em mão até que o presidente da meza assignala o drama que escolheu. — A representação faz-se na mesma sala, occupando os actores o espaço que medeia entre as mezas, pelo commum dispostas em duas ordens.

Nas grandes solemnidades e procissões publicas erigem-se tablados nas ruas, em que tem logar os taes autos desde a manhaã até o anoitecer.

Qualquer auctor chim, que logre alguma reputação, não escreve para o theatro. Já um imperador vedou severamente aos mandarins concorrer áquelles espectaculos; prohibição em nossos tempos renovada. O official tartaro que cubiça ir á opera hade despojar-se das insignias da sua classe.

Os periodicos chinas inserem cuidadosamente todos os rasgos honrosos para os costumes e character da nação; mas expór-se-hia a penas mui asperas o redactor que se atrevesse a descrever qualquer representação theatral, ou fizesse a minima allusão ao acolhimento de alguma composição nova desse genero.

AS SUSPEITAS são entre as nossas cogitações como os morcegos entre os passaros; aquelles só voam quando anoitece, ellas obscurecem o entendimento: devem ser desattendidas ou pelo menos bem reprimidas, porque roubam o tempo e a attenção, que devemos empregar nos negocios da vida, e por sua causa se perdem amigos. Alem de outras malfeitorias as suspeitas inclinam os principes para a tyrannia, os maridos ao ciume, e dispõem os homens sensatos para a irresolução e melancholia. — Bacon.